

Memórias e Narrativas LGBTQIAPN+ na Imprensa Alternativa: Rogéria no Lampião da Esquina e Roberta Close no Chanacomchana¹

Marco Antonio de Barros Junior²
Danyela Barros Santos Martins de Queiroz³
Universidade Estadual de Londrina - UEL

RESUMO

Durante o regime militar brasileiro, veículos como o Lampião da Esquina (1978–1981) e o Chanacomchana (1981–1987), emergiram como plataformas de resistência, representatividade e visibilidade para a comunidade LGBTQIAPN+. Com o passar das décadas em que foram publicados, hoje, figuram como dispositivos de memória e resistência. Nessa perspectiva, este trabalho busca analisar de forma decolonial (BALESTRIN, 2013) como um jornal de bichas e um boletim lésbico pautaram duas figuras midiáticas trans, Rogéria e Roberta Close, respectivamente.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa alternativa; memória; narrativas LGBTQIAPN+; Lampião da Esquina; Chanacomchana.

INTRODUÇÃO

O Lampião da Esquina, considerado o primeiro jornal de alcance nacional produzido por homossexuais no Brasil, desafiou os estigmas impostos pela imprensa tradicional, oferecendo uma narrativa plural sobre a vivência LGBTQIAPN+. Inspirado por essa iniciativa, o boletim Chanacomchana foi criado por coletivos lésbico-feministas, abordando questões específicas das mulheres lésbicas e promovendo debates sobre sexualidade, política e identidade.

Esses veículos não apenas proporcionaram visibilidade (PÉRET, 2011), mas também atuaram como instrumentos de memória coletiva. Ao registrar experiências e lutas, contribuíram para a construção de uma história LGBTQIAPN+ que desafiou as narrativas hegemônicas (QUINALHA, 2017). Assim, a análise dessas narrativas oferece ao campo da comunicação materiais valiosos sobre como discursos contra hegemônicos podem influenciar e transformar representações midiáticas. A imprensa alternativa não apenas documenta, mas também molda e influencia as representações sociais

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT16SU) Memórias, representações e narrativas LGBTQIA+ na comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina, email: marcoantoniobarros14@gmail.com.

³ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina, email: danyelabarros@gmail.com.

(QUINALHA, 2022), desempenhando um papel crucial na promoção da diversidade e na luta por direitos (SCHWARCZ, 2015) e reconhecimento das comunidades LGBTQIAPN+. No caso deste trabalho, um olhar à comunidade trans por meio dos dois jornais, personificada nas figuras de Rogéria e Roberta Close, mulheres trans que caíram nas graças da mídia brasileira figurando no imaginário sociocultural do país.

METODOLOGIA OU ANTI-METODOLOGIA

Este trabalho surge como desdobramento das dissertações de mestrado dos pesquisadores que o escrevem, defendidas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCOM-UEL). As duas pesquisas percorreram a imprensa alternativa LGBTQIAPN+ por meio da Cartografia Sentimental, anti-metodologia (MOREIRA, 2011) proposta pela filósofa e psicanalista Suely Rolnik (2016). A autora defende que é possível mapear os afetos, fluxos e intensidades que atravessam os sujeitos em suas experiências do dia a dia. Na contramão de abordagens cartesianas comumente trabalhadas no universo científico, a cartografia traz uma perspectiva deleuziana, na qual as relações entre sujeito e objeto são indissociáveis.

Os pesquisadores se tornam cartógrafos (ROLNIK, 2016) oferecendo à pesquisa uma análise das mídias não apenas em estruturas técnicas ou canais de informação, mas em campos de forças onde se produzem sentidos e modos de existência. É possível cartografar os afetos, as imagens, as linguagens, todo o conteúdo pode virar matéria para construir um mapa de sentidos. É uma abordagem interessante para a mídia alternativa e corpos dissidentes entendendo os devires e construindo novas experiências que escapam das estruturas hegemônicas e coloniais que nossa sociedade está inserida. Na comunicação (ROSÁRIO, 2022), ao analisarmos as memórias e histórias de duas mulheres trans, propomos uma produção coletiva, em que nós, pesquisadores, construímos o conhecimento junto com os sujeitos pesquisados.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como uma pesquisa cuja identidade é decolonial (BALESTRIN, 2013), as autorias deste trabalho se debruçam em conceituações e teorias que visam outros modos de fazer ciência e de escrita, especialmente àqueles circunscritos nas temáticas de gênero e sexualidade. Se Judith Butler (2019) já desmantelou a lógica binária de gênero,

tentamos dar outros passos adiante, em uma lógica pensada às corporalidades trans em análise que figuraram no *Lampião* e no *Chanacomchana*: Rogéria e Roberta Close.

Jota Mombaça (2022) nos mostra que é preciso estilhaçar a norma acadêmica. O que não significa rechaçar o que já foi produzido antes, mas, pelos cacos no chão, ressignificar conceitos e vivências que por muitas décadas foram execradas e condenadas pela sociedade e pelo próprio mundo acadêmico, pela cisheteronormatividade. Assim, buscamos também autorias que não só conceituam gênero e sexualidade, mas que também fazem de seus próprios corpos um fazer político.

Dos feminismos, como Anzáldua (2000) e Vérges (2020), passando pelas travestis, com Moira (2017) e Dumaresq (2016), há uma proposição de teorizar esta pesquisa com nomes que padecem na carne os desafios de ser mulher e LGBTQIAPN+ em um dos países mais violentos do mundo para esses grupos. Corpos que diariamente são assediados, violentados e mortos em defesa de um falso moralismo cristão que persegue e executa quem foge dos padrões historicamente definidos. Mas, se Foucault (1988) já demonstrou que a repressão contra os corpos é também regulamentada pelo discurso, aqui então se constrói um outro moldado pelo afeto e pela resistência.

ANÁLISES

1) Rogéria no *Lampião* da Esquina

Em janeiro de 1981, na edição número 32 do *Lampião* da Esquina, Rogéria deu uma entrevista ao jornal, que tentava uma agenda com ela desde 1978. Com o título “**Rogéria super star**” a artista consagrada recebeu Aguinaldo Silva (membro do conselho editorial do *Lampião* da Esquina) e outros jornalistas em um hotel no Rio de Janeiro para uma entrevista casual regada a *drinks*. Naquela época, vale lembrar, as noções de gênero e sexualidade ainda eram muito incipientes. A própria Rogéria se reconhecia como bicha e não como mulher trans ou travesti, apesar dos estereótipos que a rodeavam a fazerem uma. Aguinaldo fez várias perguntas, mas alguns temas se sobressaíram. Como este: “há quem diga que os travestis que põem silicone, operam e o diabo, não são homossexuais, seriam uma outra coisa; o que você acha disso?” (*Lampião*, janeiro de 1981, p.8).

Duas questões chamam atenção. Em primeiro lugar, o jornalista usa o artigo definido no masculino para se dirigir às travestis, o que era normalizado na época. Só décadas mais tarde que a comunidade trans/travesti reivindicou o uso do artigo no

feminino para se dirigir a mulheres trans e no masculino para homens trans. A outra questão que é interessante em analisar é confusão entre identidade de gênero e sexualidade. E estamos falando de um jornal de cunho homossexual que era muito politizado e disruptivo (QUINALHA, 2017) se comparado com a grande imprensa. Mesmo que pareça um atraso e desrespeito ao que temos hoje neste escopo de estudos, foi com materiais como esse que a comunidade LGBTQIAPN+ falou abertamente sobre suas vivências e costumes. Para essa pergunta de Aguinaldo, Rogéria responde:

Só morrendo de rir. É tudo viado, querida, tudo a mesma coisa. Só que, de repente, as pessoas que se põem travesti, se vestem de travesti, que se colocam vestidos de mulher, são de um QI tão baixo, que isso me deixa muito triste. Hoje em dia, só marginal é que se veste de mulher.. (Lampião, janeiro de 1981, p.8)

Rogéria fala em sua resposta sobre uma questão puramente identitária e de sua vivência exclusivamente que, apesar de se proclamar como bicha na época, gozava de privilégios, como o da branquitude (BENTO, 2022) e o financeiro. Amara Moira (2017, p. 370-371), pesquisadora travesti, diz que a identidade de gênero das mulheres trans e travestis tencionam mais se comparada as outras identidades, pois:

(...) não se cria ninguém, desde o berço, para ser travesti: o “não se nasce, torna-se” da Beauvoir assume um sentido todo particular em se tratando dessa categoria, pois não existe a opção “nascer” para nós, mas tão-somente a opção “tornar-se”.

Isso quer dizer que para a pergunta de Aguinaldo Silva não há uma resposta pronta. Varia de acordo de pessoa para pessoa, de travesti para travesti. Não há um padrão (DUMARESQ, 2016) que responda tal questionamento. Pelo contrário, a pergunta segue, mesmo que escondida, a lógica binária de colocar tudo dentro de caixas, de organizar o que é de um e o que é de outro. Talvez, é o que está por trás do termo identidade. E, que se repete em outros momentos durante uma longa entrevista.

Tanto nesse material, como em outros menores em que Rogéria novamente apareceu no Lampião, surge uma sensação de ambiguidade. Se por um lado encontramos fragmentos e tentáculos da masculinidade hegemônica e do machismo entre as bichas - dentro da própria comunidade - com objeções a compreender os corpos trans; em outro plano, também encontramos um espaço cedido pelo jornal a debater as dissidências, em especial mulheres trans e travestis, corporalidades que historicamente foram propulsoras do movimento LGBTQIAPN+. E é nesse ponto que perpassa a análise ao compreender aquele momento político que apesar de ambíguo e nublado, foi

tão importante para o que viria nas próximas décadas ser o movimento LGBTQIAPN+ atualmente.

2) Roberta Close no Chanacomchana

No Boletim Chanacomchana (n. 6, p. 2-5), Míriam Martinho, do Grupo Lésbico Feminista (GALF), analisa a figura pública de Roberta Close para discutir as construções sociais de gênero. Primeira modelo trans a posar nua na Playboy, Close tornou-se símbolo de um debate emergente sobre transexualidade no Brasil dos anos 1980. Martinho contesta a naturalização dos atributos masculinos e femininos, evocando Simone de Beauvoir para afirmar que Close se torna mulher por meio de um processo social e performativo. A argumentação do GALF é sustentada por referências a estudos antropológicos, como os de Margaret Mead, que demonstram a variabilidade cultural dos papéis de gênero. Essa fundamentação teórica já se esboçava em edições anteriores do boletim, como em “A negação da homossexualidade”, onde se discutem “papéis sexuais” e o “sistema patriarcal”.

A entrevista com Close evidencia tensões terminológicas — como o uso do artigo masculino — e ressalta a complexidade das identidades trans naquele contexto. O ensaio critica discursos discriminatórios e patologizantes, associando-os a práticas de exclusão similares às do racismo. Ao adotar uma perspectiva construtivista das sexualidades, o GALF encerra o artigo com a afirmação de que, ao romper com as dicotomias de gênero, “Roberta Close é uma Roberta Close”, destacando o caráter transgressor de sua identidade. Nesse sentido, o texto afirma:

“É claro que ser mulher ou homem, no sentido biológico, não tem nada a ver com ser feminina ou ser masculino e que cada pessoa pode ter, por temperamento, características tidas como masculinas ou femininas sem, por isso, precisar ser vista como anormal [...] Cada pessoa, apesar da rigidez dos papéis sexuais, tem condições de fazer suas próprias homossexualidades e heterossexualidades como bem quiser [...]” (Chanacomchana, n. 6, 1984, p. 4-5).

Ainda que pioneiro ao reconhecer a identidade de Close como mulher, o texto revela certa ambivalência ao vinculá-la aos padrões cisnormativos de feminilidade. Como observa Berenice Bento (2006), a aceitação de corpos trans geralmente depende da adequação a normas binárias. Nesse sentido, a provocação de Martinho — ao questionar se Close não seria uma mulher fingindo ser um homem que finge ser uma mulher — reafirma, paradoxalmente, a autenticidade de sua identidade por meio da

performance de gênero, antecipando formulações que Judith Butler sistematizaria em Problemas de Gênero (1990). A entrevista, assim, marca um momento significativo no debate sobre sexualidade e identidade no Brasil, revelando os avanços e limites do discurso feminista-lésbico na interlocução com a transexualidade em sua época.

CONCLUSÃO

As figuras de Rogéria e Roberta Close, tal como representadas nos jornais Lampião da Esquina e Chanacomchana, revelam dois modos singulares de inscrição do corpo travesti/trans na mídia impressa LGBTQIAPN+ brasileira. Em ambos os casos, nota-se que os veículos tentaram construir territórios de escuta e visibilidade que, ainda que marcados por tensões e ambiguidades, se propõem a afetar o campo social com as presenças dessas subjetividades dissidentes. A partir da Cartografia Sentimental de Suely Rolnik (2016) é possível identificar não apenas os conteúdos explícitos das falas, mas principalmente os vetores de afeto que atravessam os discursos, apontando para os devires identitários de ambas.

Se Roberta Close representa um afeto de conquista simbólica da feminilidade midiática, Rogéria carrega consigo o afeto da sobrevivência em um campo normativo hostil, onde a travestilidade ainda era construída como desvio ou espetáculo. Ambas são interpeladas por estruturas coloniais de gênero que normatizam o corpo, o desejo e a expressão, mas respondem a elas de modos distintos: Close através da ascensão à visibilidade *mainstream*; Rogéria pela resistência performativa que tensiona o papel da vedete e a identidade ambígua da “bicha artista”.

Por fim, essa comparação nos leva a reconhecer que não há uma única narrativa da travestilidade, mas sim uma multiplicidade de trajetórias marcadas por afetos, regimes de visibilidade e negociações subjetivas. A metodologia cartográfica de Rolnik permite traçar essas forças em movimento, reconhecendo os gestos de fuga, os territórios de dor e os espaços de criação que se constroem nos interstícios dos discursos.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. (2000). **Falando em línguas:** uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, 8(1), 229. <https://doi.org/10.1590/%x>

BALESTRIN, Luciana. **América Latina e giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, 2013, n. 11, p. 89-117.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. São Paulo: Garamond, 2006.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHANACOMCHANA. **Roberta Close: Homem ou Mulher?** São Paulo, n. 6, 1984.

DUMARESQ, Leila. **Ensaio (travesti) sobre a escuta (cisgênera)**. Revista Periodicus, v. 1, n. 5, p. 121-131, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 10. ed. Graal: Rio de Janeiro, 1988.

LAMPIÃO DA ESQUINA. **Rogéria super star**. Ano 4, n. 32, jan. 1981.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. São Paulo: Hoo Editora, 2017.

MOIRA, A. **O cis pelo trans**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, vol. 25, n. 1, p. 365-373, jan-abr, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/48521/33682>. Acesso em: 28 jun. 2024.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**. – São Paulo: Publifolha, 2011.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes: as políticas sexuais da ditadura brasileira (1964 –1988)**. Tese (Doutorado em Relações Internacionais), USP, São Paulo, 2017.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte : Autêntica, 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Trad. de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.